

Jacques Maritain:

Tradição e progresso no âmbito da sabedoria metafísica

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Jacques Maritain nasceu em Paris, a 18 de novembro de 1842. Em 1900, começa os seus estudos em *Letras* na *Sorbonne*, onde conhece Raissa, que desposará em 1904. Em 1905, depois de uma juventude agnóstica, converte-se, ao lado da esposa – que era judia –, ao catolicismo, vindo a receber o Batismo no ano seguinte. De 1906 a 1908 fica em Heidelberg, onde estuda *Biologia*. De 1909 a 1923, dedica-se ao estudo do pensamento de Tomás de Aquino, de quem se tornará insigne intérprete. Desta fase é o seu primeiro artigo: *A Ciência e a Razão Moderna*. Data de 1914 o seu primeiro livro: *La Philosophie Bergsonienne*, que representa uma espécie de manifesto que anuncia o renascimento da *filosofia tomista*. Além de Bergson, foi influenciado pelo romancista Léon Bloy. Entre os tomistas, cultivou frutuosa amizade com Gilson e Garrigou-Lagrange. Fecunda também foi a influência que sofreu dos *comentadores clássicos* do tomismo. Quanto às questões relativas à *Suma Teológica*, máxime Caetano, e, no que toca à lógica e à cosmologia, mormente João de Santo Tomás.

Ainda em 1914, torna-se professor de *Filosofia* do *Instituto Católico de Paris* e é nomeado *Doutor da Sagrada Congregação* para os seminaristas e universidades. Em 1920, dá início a um ciclo de reuniões – que durará até 1939 –, donde surgirão os chamados *Círculos de estudos tomistas*. Publica *Antimoderne* em 1922. A sua obra-prima e a melhor introdução ao seu pensamento, é: *Distinguer pour unir: Les degrés du savoir*, de 1932. Todavia, a sua obra mais famosa foi *Humanisme intégral*, de 1936. Deu aulas em universidades americanas, onde se exilou com Raissa por ocasião da eclosão da Segunda Grande Guerra. Escreveu também sobre estética, educação, ética e política. Morreu em Toulouse em 1973.

A seguir, faremos uma pequena reflexão acerca da *primeira lição* do seu clássico: *Sept Leçons Sur L'être*. Nela, versaremos sobre o ser, tomado em sua *universalidade*, isto é, cuidaremos de tratar do ser enquanto ser e suas peculiaridades. Em seguida, tentaremos explicar como o homem atinge o ser enquanto tal em virtude da sua própria natureza racional. Em seguida, cumprimos-nos-á estabelecer qual a relação do ser enquanto tal com a *tradição* e com o *progresso*, e como estes dois últimos se podem conciliar numa *ontologia* de cunho *metafísico*. Importar-nos-á distinguir os dois tipos de progressos possíveis, conforme os níveis de abstração de uma determinada ciência: *o progresso por substituição*, próprio das *ciências naturais*, e *o progresso por aprofundamento*, próprio da *metafísica*. Ser-nos-á mister explicar a referida distinção, a partir de uma outra, presente de algum modo em todas as ciências: o *mistério* e o *problema*. Onde predomina o mistério, impõe-se o *progresso por aprofundamento*; onde há predominância do problema, prevalece o *progresso por substituição*. Depois, lançaremos um olhar sobre qual pode ser a repercussão destes dados na síntese tomásica hodierna. Seguir-se-ão as considerações finais do texto. Na nossa abordagem, abraçaremos a edição brasileira das *Sept Leçons Sur L'être: Sete Lições Sobre o Ser*, lançada pelas *Edições Loyola* e que conta com tradução de Nicolás Nyimi Campanário.

Passemos à análise da temática concernente à tradição e ao progresso na ontologia.

1. *Tradição e Progresso*

O homem é um *animal social* e isto implica que sozinho ele não é capaz de realizar-se. Um só homem não consegue esgotar todas as potencialidades da sua natureza. Para viver e também para conhecer, o homem precisa do homem; ele não se basta, necessita do seu semelhante. E necessitar do outro para conhecer, indica, ademais, que ele precisa ser *ensinado*, que precisa *aprender*. Ora, o ensino, por sua vez, pode ser comparado com a medicina. É uma arte que coopera com a natureza (*ars cooperativa naturae*). Tal como o médico não é senão a causa secundária da saúde do doente, visto que ele nada mais faz do que tornar o organismo apto para reagir e voltar a trabalhar segundo a sua própria natureza, assim também o professor com a sua didática não é senão aquele que desperta a vitalidade da inteligência, fazendo com que ela própria conheça.

O homem – além de animal social – é *animal racional*. Com efeito, pela luz do seu intelecto, ele pode ultrapassar as barreiras do sensível e alcançar o ser em sua *imaterialidade*, despido da *matéria* e das *particularidades* da mesma. Desta feita, o homem pode conhecer o ser enquanto não sujeito à *mudança* e ao tempo. Em outras palavras, ele pode apreender o ser *puramente inteligível*. Livre das limitações do *espaço* e do *tempo*, o seu intelecto encontra-se, destarte, em condições de conhecer o *ser na sua universalidade*. Ora, isto significa que o intelecto humano é capaz de se apossar de determinados *conceitos imutáveis e perenes*; porque *imateriais*, referentes unicamente a *realidades espirituais*.

Agora bem, unindo o que dissemos acima, podemos deduzir que deve existir entre os homens, um *magistério* fundado numa *tradição intelectual*, isto é, um magistério que ensine aos homens de todos os tempos aqueles princípios necessários e verdadeiros, porque universais e atemporais, a fim de que estes princípios – preservados –, não se percam, antes, sendo conservados, condicionem o *progresso*. Pouco é o que o homem pode saber sozinho. Na verdade, só pode ultrapassar as conquistas das gerações passadas, quando, apreendendo-as e partindo delas, consegue inferir novas coisas. Daí que tradição e progresso, longe de contraporem-se, implicam-se mutuamente. A falar com exatidão, o progresso pressupõe a tradição, assim como a mudança supõe o permanente:

Se nos reportarmos à doutrina tomista do magistério humano, se lembrarmos que o homem é, antes de tudo, um animal social porque tem necessidade de ser ensinado, se compreendermos que a arte do mestre é, como a do médico, uma arte que coopera com a natureza – de tal maneira que o agente principal na obra do ensinamento não é aquele que ensina, que comunica a ciência a outrem, que a causa nele, mas sim a inteligência, a vitalidade intelectual daquele que aprende, que recebe, isto é, que toma parte ativamente nele, que faz nascer, a ciência em si – e que, no entanto, sem a transmissão dos conceitos elaborados pelas gerações humanas, cada intelecto não avançaria quase nada na pesquisa e na invenção, então, em tal perspectiva, a necessidade de uma tradição aparece de forma luminosa. Vemos claramente que recusar a continuidade do trabalho comum das gerações e a transmissão do depósito – e isto antes de mais nada na ordem da inteligência, do conhecimento – é optar pela noite.¹

Passemos a considerar como ocorre o progresso nas ciências naturais.

¹ MARITAIN, Jacques. *Sete Lições Sobre o Ser*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2006. I, II, 2, p. 12.

2. O Progresso e as Ciências Naturais

Entretanto, mal terminamos de pronunciar estas palavras e os fatos, que não mentem, parecem antepor-se a nós para nos contradizerem. Realmente, se nos detivermos nas ciências naturais, nas técnicas sempre mais sofisticadas que desenvolvem, teremos que confessar que uma (técnica) substitui a outra. No mundo tecnocrata, um sistema engole o outro, e o passado, aqui, longe de ser alicerce, torna-se antes um obstáculo a ser superado. Sem embargo, aqui, ao contrário do que prevíamos acima, o progresso se dá por *substituição* e este é o desafio:

As inovações da técnica e das ciências da natureza nos fazem assistir a um fenômeno de progresso por *substituição* completamente geral que parece universal: a ferrovia substituiu a diligência; a iluminação elétrica, a iluminação a petróleo e a óleo; o sistema de Einstein substituiu o de Newton; o de Copérnico tinha substituído o sistema de Ptolomeu (...).²

Por mais que se reconheçam devedores de seus predecessores, os que professam a *ciência empírica* acabam tendo que reconhecer que o progresso significa um certo rompimento com o passado. Neste contexto, a *tradição* muitas vezes coloca-se como uma barreira que nos impede de sermos criativos, que nos tolhe a força inventiva. Ora, é precisamente a tentação de generalizar esta espécie de progresso, que faz com que soe enfadonho aos ouvidos coevos cuidar preservar os mesmos princípios postos por Aristóteles e Tomás de Aquino, por exemplo. Pensar como eles – dirão muitos dos nossos coetâneos –, é falta de coragem, é ficar para trás, é não progredir e parar no tempo.³

Passemos a considerar as categorias do mistério e do problema e como estes determinam o progresso de uma ciência.

² *Idem. Op. Cit.* p.13

³ *Idem. Op. Cit.*: “Nossos ouvidos se ofendem, ficamos escandalizados, se falam de um Conhecimento que mobilize, hoje, as mesmas noções fundamentais, os mesmos princípios que aqueles da época de Tsankara, da época de Aristóteles ou da de Santo Tomás.”

3. Progresso e Sabedoria

Contudo, é preciso dizer que o *progresso por substituição* não é o único. Ele é próprio da *ciência dos fenômenos*. A ela é mesmo necessário e benéfico. Porém, se nos ativermos no que dissemos acima, perceberemos que falávamos de um outro tipo de progresso, aquele que é específico da *sabedoria*: “Veremos então aparecer dois tipos bem diferentes de progresso: um que é próprio da sabedoria e outro da ciência dos fenômenos”⁴. Mas para compreendermos este novo modo de progredir, mister é adentrarmos em duas particularidades, de resto presentes em todas as ciências: o *mistério* e o *problema*.

Consideremos, pois, o mistério.

3.1. O Mistério

Antes de qualquer coisa, desvencilhemo-nos dos preconceitos levantados pelos modernos contra este termo: “mistério”. O *mistério* não é – como comumente se pensa – o *ininteligível* ou o *desconhecido*. O mistério, longe de opor-se ao conhecimento, caminha junto com ele. Com efeito, o *desconhecido* é o que simplesmente *ignoramos*; o mistério, ao contrário, é o que conhecemos, mas não *exaustivamente*.

Na verdade, o mistério revela-se no próprio processo do nosso conhecimento, ou seja, na *objetividade da nossa inteligência* que consiste no ato de ela *tornar-se outro enquanto outro*. De fato, é neste *ato de conhecer* que encontramos o *mistério*. Melhor, ele mesmo é, antes de tudo, misterioso. Como explicar exaustivamente esta realidade: *tornar-se outro sem deixar de ser o que é?* Ademais, o mistério não é o contrário do conhecimento também por ser o seu próprio *objeto*. Sem embargo, o mistério revela-se para nós quando, pela *reflexão*, tomamos *consciência* de que é o *real*, e não propriamente a fórmula com que o expressamos, o *objeto recebido* pela nossa *inteligência*. Aliás, se a nossa inteligência consegue *expressar* a coisa que *apreende*, é precisamente porque antes a *assimila*, isto é, torna-se *similar* ou *semelhante* a ela. Assim como o olho que vê algo só consegue vê-lo quando o apreende, isto é, quando o reflete em sua própria retina, assim a inteligência – nossa visão espiritual – só

⁴ *Idem. Op. Cit.* I, II, 3. p. 13

consegue expressar a realidade que apreende, quando *a vê em si*. Porém, enquanto o objeto da nossa visão sensível só pode ser representado imaterialmente pelos olhos de quem o vê, porque é material, a visão que a inteligência tem do inteligível é mais perfeita, pois ele realmente passa a existir nela tal como é, já que, afinal – tal qual ela – ele próprio é imaterial. Ora, para nós, seres corporais e espirituais, o *inteligível* ou o *imaterial* apreendido é o que se apresenta como *mistério*.

Agora bem, isto fica menos complicado, quando nos damos conta de que o inteligível constitui o núcleo das coisas materiais; ele é o sustentáculo de toda a realidade, inclusive da visível. Não é algo separado da realidade sensível ou a ela justaposto como querem os idealistas; ao contrário, ele é o fundamento que a penetra, a base que dela não se desprende senão por uma *abstração do nosso intelecto*. Ora, nós, homens, só podemos conhecer o *invisível* e o *imaterial* enquanto os *abstrairmos da realidade física*, a única que nos é imediatamente evidente, visto que o objeto próprio do nosso intelecto é precisamente a *essência abstraída* das coisas materiais.

Destarte, a nossa *inteligência*, ainda que apreenda diretamente somente parte do real, a inteligível, apreende uma parte *misteriosa*, ao menos em relação a todas as demais *coisas materiais* e contingentes que conhecemos, porque, fora do tempo e do espaço, o *inteligível* que apreendemos pela inteligência, é imaterial, universal, necessário e imutável. Em uma palavra: *é um mistério quoad nos!* E, de fato, a nossa inteligência *conhece*: não o *conceito*, mas *aquilo que é*. Aliás, o termo latino *intus legere* expressa justamente esta capacidade que nós temos de *ler o interior da coisa*. Desta feita, o que captamos com a *intelecção* é o próprio *real* em sua base. Donde a inteligência de algo ser muito mais que o seu conceito, pois a inteligência não se contenta com a fórmula, ela atinge a própria coisa e a atinge no que ela tem de mais íntimo: o *inteligível*. Temos, assim, que o real, no seu *íntimo*, é o *inteligível*. Ora, é exatamente este *real*, em seu *fundamento inteligível*, que é um *mistério* para nós, visto que só temos contato *direto* com as *realidades sensíveis*. Desta sorte, a *intelecção*, enquanto *abstrai* o *inteligível* do *sensível*, não é senão o *mistério do real elevado à inteligibilidade em ato*. Na verdade, a *intelecção* é a *atualização do inteligível*:

A noção de mistério inteligível não é uma noção contraditória, é a forma mais exata de designar a realidade; o mistério não é inimigo, adversário da inteligência: foram Descartes e a razão cartesiana que introduziram esta oposição mentirosa – oposição, porém, inevitável em um sistema idealista, em uma atmosfera idealista. A objetividade da inteligência é, ela própria, soberanamente misteriosa, e o objeto do conhecimento é o “mistério” elevado ao estado de inteligibilidade em

ato e de intelecção em ato: ela se torna o outro enquanto outro, traz, em seu próprio seio, uma realidade inesgotável (“transobjetiva”) vitalmente apreendida como objeto. O objeto é o próprio real. Da inteligência, assim como da fé, é preciso dizer que o seu ato não termina na fórmula, mas na coisa, *non terminatur ad enuntiabile, sed ad rem*. O ‘mistério é seu alimento: o outro que ela assimila.’⁵

Mas o que é, objetivamente, o real? O que, afinal, chamamos de mistério? O que é o inteligível que a nossa inteligência abstrai das coisas, sem conseguir apreendê-lo exaustivamente? Já antecipamos, acima, a resposta a estas questões. O mistério é o *ser*, e o *ser*, em sua *essência*, é sempre *imaterial*, corolário espontâneo de sua *inteligibilidade* basilar.⁶ Agora bem, o *ser*, precisamente por ser imaterial, é que pode manifestar-se de muitos modos, tornando-se, desta sorte, algo inesgotável. É a sua *imaterialidade* a própria *causa* da sua infindável força de manifestação: como não pode ser preso em lugar algum e não está determinado em tempo algum, é um *princípio livre e ilimitado*. De sorte que o *ser* se nos apresenta com inumeráveis facetas, transfigura-se diante de nós como quiser: ora se apresenta como extremamente inteligível – e isto quanto mais se distancia do tempo e do espaço a ponto de parecer não “caber” em nossa inteligência, como no caso dos seres exclusivamente espirituais – ora, também, encontramos-lo em demasia misturado ao *não ser* ou imerso na matéria e, destarte, menos inteligível. Digamos, enfim, que o *mistério é o ser* e a grandeza deste mistério consiste nas múltiplas formas de manifestação do *ser*, visto que ele se dilata por toda a realidade, constituindo-a. Decerto que podemos apreendê-lo em seus diversos modos. Deveras, abstraindo-o destes modos, podemos até conhecê-lo enquanto tal (*i.é*, enquanto *ser*). Contudo, querer exauri-lo é pretensão descabida, é querer ser Deus, *espírito puríssimo*. Só Deus, *Ipsium Esse Subsistens* e Criador do *ser*, é capaz de compreendê-lo plenamente em toda a sua intensidade:

O seu (o da inteligência) objeto próprio não é o *ser*? E o *ser* não é um mistério, ora porque é rico demais em inteligibilidade, puro demais para nossa inteligência, como nas coisas espirituais, ora porque comporta em si mesmo uma maior ou menor resistência à inteligência, o testemunho em si do não-ser, como é o caso do devir, da potência e, antes de tudo, da matéria? Digamos que o “mistério” é uma plenitude ontológica à qual a inteligência se une vitalmente e onde mergulha sem

⁵ *Idem. Op. Cit.* I, II, 4. p. 14.

⁶ De fato, a imaterialidade do *ser* funda-se em sua inteligibilidade.

esgotá-la (se esgotasse seria Deus, *ipsum Esse subsistens*, e o próprio autor do ser).⁷

Passemos a considerar o *problema*.

3.2. O Problema

Ora, falta-nos falar do “problema”. Problemáticos, em poucas palavras, são as nossas *fórmulas e enunciados*. Por eles, tentamos exprimir o real. Aliás, eles são inevitáveis, porquanto só conseguimos expressar o *ser* em termos *conceituais*. Além disso, os dois aspectos – “mistério” e “problema” – nós os encontramos em todos os níveis do nosso conhecimento. Sem embargo, em todo conhecimento há o *ser*, desdobrado em seus graus, e também o *conceito* com que o *expressamos*. O que acontece é que, de acordo com o desenvolvimento que vai sofrendo uma determinada ciência, cria-se nela uma *rede de conceitos* – um emaranhado de *noções abstratas* – que precisamos, desta feita, ter que desatar se quisermos novamente conquistar a *inteligibilidade concreta* do *objeto* desta ciência. E são nestes “*nós*”⁸ que consistem os nossos “problemas”:

Para dizer a verdade, em toda atividade do saber, em toda atividade de conhecimento, estes dois aspectos estarão presentes: o “mistério” e o “problema” estarão unidos: o “mistério”, porque o ser estará sempre presente em algum grau, a profundidade, a densidade do ser a ser penetrada; o “problema”, porque só podemos, naturalmente, penetrar no ser graças às nossas fórmulas conceituais e porque estas se ligam naturalmente como problema a ser resolvido.⁹

Passemos à análise de como se estabelecem as áreas de predominância do mistério e do problema.

⁷ *Idem. Op. Cit.* I, II, 4. p. 14 e 15.

⁸ Lembremos que, em latim, “*plica*” significa dobrar. Daí a nossa palavra “complicada” significar, antes de qualquer coisa, alguma coisa dobrada, muito bem dobrada e redobrada. Observemos, ainda, que o termo “*ex*”, em latim, pode significar “para fora”. Donde o nosso termo “*explicar*” denotar, antes de tudo, um lançar fora as dobras, um desdobrar a questão, a fim de que o leitor ou o ouvinte possa passar ver o que as dobras não lhe permitiam contemplar.

⁹ *Idem. Op. Cit.* I, II, 5. p. 16.

3.3. Problema e Mistério: Áreas de Predominância

Falávamos que os aspectos “mistério” e “problema” estão presentes em todos os graus do saber, e é verdade. Todavia, é verdade também que, em determinadas áreas do saber, predomina um em vez do outro. Dizíamos ainda que o ser se nos oferece como objeto de conhecimento, tanto em grandes proporções de inteligibilidade – como nos seres puramente espirituais – como também em situações nas quais se encontra praticamente absorvido no devir e na matéria. Ora bem, quando o objeto da ciência em questão é o ser envolvido com algum dado sensível – como nas ciências empíricas – temos, então, uma predominância do aspecto “problema”. Ao contrário, quanto mais a ciência investiga os recônditos do ser, abstraído-o dos dados sensíveis, mais temos a prevalência do aspecto “mistério”.

Assim, o aspecto “mistério” domina nas ciências especulativas, começando pela *filosofia natural*, cujos especuláveis dependem da matéria para *serem (existirem)* e para serem *inteligidos*; depois, na *matemática*, cujos especuláveis, conquanto dependam da matéria para serem (*existirem*), não dependem dela para serem inteligidos, pois a matéria não entra em suas definições; por fim, na *metafísica*, cujo objeto são os especuláveis que não dependem da matéria nem para serem (*existirem*) – quer nunca existam na matéria (Deus e os anjos), quer algumas vezes existam na matéria e outras não (a substância, o ente, a essência, etc.) – nem para serem inteligidos. E acima ainda da própria metafísica está a *teologia*, onde o *mistério impera*:

Mas, segundo os diversos tipos de conhecimento e de saber, um ou outro predomina. O aspecto “problema” predomina naturalmente onde o conhecimento é menos ontológico. (...) O aspecto “mistério” predomina naturalmente onde o conhecimento é mais ontológico; onde se esforça em descobrir o ser em si mesmo e os segredos do ser, seja intuitivamente, seja por analogia. (...) O aspecto “mistério”, predomina na filosofia da natureza e, mais ainda, na metafísica. (E ainda mais na teologia.).¹⁰

Passemos à análise acurada dos dois tipos de progresso: *por substituição* e *por aprofundamento*.

¹⁰ *Idem. Op. Cit.*

3.4. Os Modos de Progresso: Substituição e Aprofundamento

Agora bem, uma vez distinguidos o aspecto “mistério” e o aspecto “problema”, podemos compreender os tipos distintos de progressos que comportam. Com efeito, onde a predominância é mais do “problema”, há o *vir-a-ser*, oriundo do *movimento* da *matéria*, e o progresso, aí, é um *progresso por substituição*. Desta feita, um *conceito*, fruto de uma *observação mais atenta*, torna-se mais apropriado do que outro e o *substitui*, bem como um *sistema*, por delongar-se mais na experiência e, destarte, descobrir novos fenômenos e novas conexões entre eles, sucede ao outro, que se torna *ultrapassado*.¹¹ Ora, onde prevalece o *ser enquanto tal*, prescindindo do *movimento*, dos *dados da sensibilidade* e do *vir-a-ser*, ocorre também um *progresso*, mas um *progresso por aprofundamento*. De fato, aqui o ser manifesta-se em maiores *graus de inteligibilidade* e adquire, desta sorte, uma *riqueza inesgotável*, que sempre reclama ulteriores aprofundamentos. Ora, o *progresso por aprofundamento* é precisamente este penetrar melhor e mais agudamente numa mesma realidade, que é um *abismo inteligível*.¹² Agora bem, averiguando se num progresso deste tipo é possível olvidar as conquistas passadas, isto é, as primeiras tentativas de se entender uma mesma realidade, verificaremos, deveras, que não. Sem embargo, todo aprofundamento verdadeiro supõe realizações precedentes, e é deste modo que devemos dizer que o progresso *por aprofundamento* – próprio das *ciências mais ontológicas* –, pressupõe certos conhecimentos anteriores, a saber, princípios que não podem ser descartados sob pena de não se avançar posteriormente. Com efeito, estes princípios tornam-se a própria *condição de possibilidade* de tal progresso:

Claro está que, na vida da humanidade uma tradição intelectual, a continuidade estável de uma doutrina fundada sobre princípios que não mudam são a condição de tal progresso.¹³

¹¹ *Idem. Op. Cit.* I, II, 5. p. 17: “Onde predomina o aspecto “problema”, uma solução vem depois da outra, uma termina, outra começa: lida-se com um progresso linear e por sucessão de aspectos da razão ou de perspectivas ideais, de formas de conceituar o objeto; e, se uma primeira solução é incompleta (é sempre o caso), a outra a substituirá. É deste modo que mudam e se sucedem as paisagens para o viajante que se desloca. O espírito se desloca então, vai e vem. Este progresso é um progresso por substituição.”

¹² *Idem. Op. Cit.*: “Onde predomina, ao contrário, o aspecto mistério, trata-se de penetrar sempre mais no *mesmo*. O espírito permanece no lugar, gravita em torno de um centro, ou penetra cada vez melhor uma mesma densidade. É um progresso no mesmo lugar, um progresso por *aprofundamento*.”

¹³ *Idem. Op. Cit.*

Esta *tradição intelectual* é o avesso de um “claustro intelectual”. Ela é abertura por antonomásia, em oposição a tudo o que é fechado, pois guarda dentro si uma energia vital. Esconde em si uma sede que, embora saciada, revigora-se e volta mais forte. Ao mesmo tempo que se conserva, quer dilatar-se, aprofundar-se, e é isto que distingue a *sabedoria da ciência*, que é *sucessão contínua de objetos*, daquela *sabedoria metafísica*, que é um *debruçar-se ininterrupto, contínuo*, porém, sempre mais renovador, sobre o mesmo objeto:

Quando o conheço (o mistério ontológico) fico saciado, mas, no entanto, tenho ainda e sempre sede *daquilo*. Da mesma realidade que preenche e aumenta o meu desejo. Desta maneira, sacio-me sem fim da mesma fonte, sempre fresca, tenho sede dela. Estas são as águas da sabedoria criada.¹⁴

Destarte, devemos defender a *tradição filosófica* ou *ontológica* contra pelo menos duas coisas. Primeiro, contra a pretensão dos *espíritos sistematicamente inovadores*, que querem aplicar à *sabedoria* a mesma *lei vigente nas ciências empíricas*, qual seja, *a lei do progresso por substituição*.¹⁵ Mas, por outro lado, e não pensemos que isto ocorra com menor frequência em nosso tempo, devemos combater os *espíritos sistematicamente imóveis*, a saber, aqueles que confundem *tradição* com *tradicionalismo* ou, ainda, aqueles que deformam a *tradição filosófica*, querendo fazer valer nela certas *regras de proteção* apropriadas somente à *tradição teológica*¹⁶:

Não devemos somente defender o valor e a necessidade de uma tradição filosófica contra os preconceitos sistematicamente inovadores; também é preciso tomar consciência da perpétua novidade própria à sabedoria filosófica, defender a necessidade de renovação e de crescimento inscrito em sua natureza, desta vez contra os preconceitos dos espíritos sistematicamente tradicionalistas e imobilistas.¹⁷

Passemos à análise de como se deve comportar o pensamento tomásico frente a estes aspectos.

¹⁴ *Idem. Op. Cit.* I, II, 6. p. 18. (O parêntese é nosso).

¹⁵ *Idem. Op. Cit.* I, II, 6. p. 19: “Pretende-se, então, progredir na sabedoria passando de um enigma a outro, substituindo, como se fosse lei necessária, um problema por outro (...). O progresso por substituição convém às ciências dos fenômenos, é a sua lei; e, quanto mais puramente elas realizarem seu tipo, mas progredirão. Mas este progresso não é a lei da sabedoria.”

¹⁶ *Idem. Op. Cit.* I, II, 7. p. 20: “Pode até mesmo provir neste momento um certo perigo do fato de que poderíamos confundir os dois tipos de certeza e de estabilidade, o da teologia e o da filosofia, e atribuir à filosofia e à sua continuidade doutrinal um caráter de estabilidade superior que convém propriamente à teologia.”

¹⁷ *Idem. Op. Cit.* I, III, 9. p. 21 e 22.

4. O Pensamento Tomásico e o Progresso por Aprofundamento

Ademais, este *progresso por aprofundamento* da sabedoria pode trazer enormes e significativas contribuições para a própria *história da filosofia* como um todo. Tomemos aqueles sistemas construídos por espíritos sistematicamente inovadores ou, ainda, aqueles outros fundados por pensadores tradicionalistas. Com efeito, qual deverá ser a atitude do pensador tomásico ante eles? Segundo Maritain, todos estes sistemas mal fundados pelo que possuem de verdadeiro constituem, virtualmente, uma *filosofia* que os perpassa a todos, mas que não se identifica com nenhum. Ora, a tarefa do pensamento tomásico, enquanto sistema formulado por *princípios verdadeiros*, é reorganizar os princípios dos referidos sistemas, ordenando-os, a fim de formarem um todo *uno e harmonioso*. Tornar atual e real, numa *síntese unificadora*, aquilo que existe somente virtualmente nos demais sistemas, eis a missão precípua da síntese tomásica. A síntese tomasiana, ei-la: realizar a “re-união” daquilo que se encontra disperso na massa amorfa dos sistemas filosóficos, a fim de que todos estes elementos passem a constituir um todo articulado e coeso. Desta sorte, tudo convergindo para si, o *progresso da sabedoria tomasiana* tornar-se-á o *progresso da própria filosofia*.¹⁸

O pensamento de Tomás, assim apresentado, não é nada menos do que um *pensamento vivo*; embora *tradicional* em seus *princípios perenes*, é *progressivo* e *inventivo* no seu *desenvolvimento*. Desenvolvimento – ratificamos –, que consiste no aprofundamento destes mesmos princípios. Imutável quanto ao seu objeto – o ser –, mas dotada de uma *criatividade inesgotável* que procede da própria *fecundidade abissal* do ser, uma *filosofia do ser* como a de Tomás, nunca poderá ser meramente *histórica*, tampouco *historicista* ou *arqueológica*, porque o seu *caráter ontológico* sempre a fará *atual*, vale dizer, sempre passível de aprofundamentos ulteriores:

O tomismo não é somente algo histórico. (...) Resumindo, é com um tomismo vivo e não com um tomismo arqueológico que estamos

¹⁸ *Idem. Op. Cit.* I, III, 10. p. 23 e 24: “Pode-se dizer que todos estes sistemas mal fundados constituem uma filosofia virtual e fluente, que cavalga sobre formulações opostas, doutrinas adversas e é sustentada por aquilo que todas contêm de verdadeiro. Se existe entre os homens um organismo doutrinário assentado por inteiro em princípios verdadeiros – e este é, para nós, o caso do tomismo –, ele incorporará, com atrasos maiores ou menores – devidos à preguiça dos tomistas –, *realizará* progressivamente em si esta filosofia virtual, que se tornará imediatamente, e por causa disto, visível e formulável, formada e organicamente composta. Em nossa opinião o tomismo está destinado a atualizar, com o seu próprio progresso, o progresso da filosofia. Ao assimilar tudo o que há de verdadeiro nos sistemas parciais, ele dilatará a sua própria substância e fará brotar dela relâmpagos cada vez mais profundos, que revelarão as energias escondidas nas verdades que possui.”

lidando. Nosso dever é tomar consciência da realidade e das exigências de tal filosofia.¹⁹

Passemos às considerações finais deste texto.

Conclusão

Toda ciência apresenta em seu bojo duas particularidades: o *mistério* e o *problema*. Por *mistério*, entende-se tudo aquilo que é passível de um conhecimento mais acurado. Uma realidade sempre suscetível de ser mais bem conhecida é uma realidade misteriosa. Por *problema*, entende-se a dificuldade que temos de, num mosaico de conceitos, compreender a realidade que eles expressam. O problema é, pois, a dificuldade que encontramos para decodificar os conceitos e fórmulas que criamos e, destarte, voltarmos-nos às coisas que eles expressam. Em determinadas ciências predomina o aspecto do mistério, enquanto em outras ocorre uma predominância do problema. Estas áreas de predominância são estabelecidas pelos níveis de abstração da ciência em questão. Quanto maior for o nível de abstração de uma ciência, maior será a predominância do mistério nela, quanto menor for este nível de abstração, maior será o predomínio do problema nestas ciências.

Agora bem, nas ciências onde predomina o *mistério*, dá-se sempre um *progresso por aprofundamento*, ou seja, nelas o estudioso tende sempre a debruçar-se sobre o mesmo objeto, para conhecê-lo cada vez melhor. Já nas ciências onde predomina o *problema*, a pesquisa inclina-se a passar de um objeto a outro, pois nelas ocorre o *progresso por substituição*, já que as técnicas defasadas sempre dão lugar às mais avançadas. Ora, o principal erro ao qual estamos sujeitos é o de perspectiva. Por exemplo, querer inverter a ordem das coisas, aplicando o *progresso por substituição* às ciências mais abstratas, onde predomina o *mistério*, como é o caso da *metafísica*, ou, ao contrário, impor às ciências menos abstratas, onde há um predomínio do *problema*, um *progresso por aprofundamentos*.

Vê-se, então, que, em *metafísica*, uma vez que os seus inteligíveis independem da matéria para *ser* – seja porque nunca existam na matéria (Deus e os anjos), seja porque algumas vezes existam na matéria e outras não (a substância, o ente, a essência, etc.) – e para

¹⁹ *Idem. Op. Cit.* I, I, 1. p. 11.

serem *conhecidos*, há uma predominância do *mistério* e o *progresso* se dá *por substituição*. Destarte, no seu âmbito, nasce uma verdadeira *sinergia* entre *tradição* e *progresso*, já que, se por um lado, deve-se *preservar* o conhecimento adquirido, por outro, é sempre necessário buscar aprofundá-lo, desvendando-lhe novas facetas. Em uma palavra, a metafísica é o lugar de uma *tradição viva*. Ora, esta constatação é consoante a natureza humana que, por ser racional, é capaz de conhecer o ser não sujeito à mudança, mas, por possuir um intelecto limitado é incapaz de aprofundar-se neste conhecimento sozinha, precisando, desta sorte, não somente dos seus contemporâneos, senão também de todo o cabedal de conhecimento acumulado por seus antepassados. De resto, em razão de a inteligência humana ser finita, esta nunca conseguirá exaurir o mistério do ser. Assim, o conhecimento humano sempre comportará progressos.

BIBLIOGRAFIA

MARITAIN, Jacques. **Sete Lições Sobre o Ser**. 2^a ed. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006. pp. 11 a 25.